

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E**  
**ANÁLISE EXISTENCIAL**

**RAYRA EMANUELLE SOARES RUAS**

**AS RELAÇÕES AFETIVAS E O PROJETO EXISTENCIAL**

Belo Horizonte

2019

RAYRA EMANUELLE SOARES RUAS

**AS RELAÇÕES AFETIVAS E O PROJETO EXISTENCIAL**

Monografia a apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: José Paulo Giovanetti

Belo Horizonte

2019

## RESUMO

A presente pesquisa teve por escopo ponderar sobre a influência das relações afetivas no projeto existencial a partir de uma análise fenomenológica existencial. Ressalta-se que este estudo parte de inquietações advindas de experiência observadas no exercício clínico e traduz um esforço de vislumbrar a influência das relações afetivas para o processo de desenvolvimento humano e solidez do projeto existencial. Verificou-se que a necessidade do amor, afeto e aprovação ocorre desde os primeiros meses de vida e se institui conforme a criança vai crescendo e estabelecendo novos vínculos, possibilitando, inclusive, tornar prisioneiro da própria infância. Identificou-se como a vida emocional do adulto pode ser impactada e desencadeada por vários fatores caracterizados a partir da dinâmica afetiva vivida nas relações primárias, refletindo no decorrer de sua vida. Buscou-se explicitar a discussão a respeito da gênese do afeto e sua relação com o projeto de vida. Compreende-se que a clínica nos coloca diante de grandes desafios, em que são necessárias novas formas de compreensão da existência humana e um fazer clínico que dê suporte aos sofrimentos do homem contemporâneo, auxiliando o adulto a se reconciliar com seu passado e trilhar o caminho das mudanças e aceitação pessoal. Deste modo, trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica que visou buscar conhecimento específico pautado na dimensão conceitual e reflexiva para descrever a temática, utilizando-se como inspirações, as obras de Alice Miller, Lise Bourbeau, Viktor Frankl e José Paulo Giovanetti.

**Palavras-chave:** Influência. Relações afetivas. Análise. Existencial. Afeto.

## **ABSTRACT**

The present research had as scope to consider the influence of the affective relations in the existential project from an existential phenomenological analysis. It should be emphasized that this study is based on restlessness from experience observed in the clinical exercise and translates an effort to glimpse the influence of the affective relations to the process of human development and solidity of the existential project. It has been found that the need for love, affection, and approval occurs from the earliest months of life and is established as the child grows and establishes new bonds, making it possible even to become a prisoner of one's own childhood. It was identified how the emotional life of the adult can be impacted and triggered by several factors characterized from the affective dynamics lived in the primary relations, reflecting in the course of his life. We sought to make explicit the discussion about the genesis of affection and its relation to the project of life. It is understood that the clinic puts us in the face of great challenges, in which new forms of understanding of human existence are necessary and a clinical practice that supports the sufferings of contemporary man, helping the adult to reconcile with his past and to tread the path change and personal acceptance. Therefore, it is a bibliographical research that sought to find specific knowledge based on the conceptual and reflective dimension to describe the theme, using as inspirations the works of Alice Miller, Lise Bourbeau, Viktor Frankl and José Paulo Giovanetti.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....   | 05 |
| CAPÍTULO I – PROJETO EXISTENCIAL .....   | 07 |
| CAPÍTULO II – A DINÂMICA AFETIVA VIVIDA NAS RELAÇÕES HUMANAS.                            | 14 |
| CAPÍTULO III – A QUALIDADE DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA SOLIDEZ DO PROJETO EXISTENCIAL ..... | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 27 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....   | 28 |

## INTRODUÇÃO

O foco principal desta pesquisa é ponderar sobre a influência das relações afetivas no projeto existencial à partir de uma análise fenomenológica existencial. Ressalta-se que este estudo parte de inquietações advindas da minha experiência clínica e traduz um esforço de vislumbrar a influência das relações afetivas para o processo de desenvolvimento humano e solidez do projeto existencial.

Observa-se que a afetividade é uma dinâmica humana que se torna complexa e profunda ao qual é presenciada desde a descoberta da gestação e o nascimento até ao longo da vida adulta, sendo o homem um indivíduo inserido em um contexto histórico dinâmico, processual e mediado por relações.

Consideramos, portanto, o homem como um ser relacional que, imerso em relações, tem a possibilidade de ir se desenvolvendo, estabelecendo trocas constantes com o meio em que se encontra e com os outros através das relações afetivas.

Percebemos o afeto como algo que se encontra na base das escolhas humanas. Como se este assumisse a posição de uma força motriz que interfere nas atitudes dos indivíduos. Os afetos interferem nos pensamentos, que por sua vez irão influenciar as escolhas, atitudes e opções que priorizamos ao longo de toda a nossa existência. Ação e pensamento são motivados. Esta ideia está em conformidade com a visão não dicotômica entre razão e emoção. A emoção é, pois, a base dos pensamentos e das ações.

A vinculação afetiva é o resultado do comportamento social de cada indivíduo, ou seja, a afetividade é um aspecto fundamental para a construção da criança em meio à sociedade e do projeto de vida a ser erigido no decorrer da sua existência.

A criança precisa do amor do adulto porque não pode viver sem ele. O pavor ante ao menor sinal de desaprovação, que para ela significa ameaça de abandono, é o instrumento de opressão utilizado no processo de adaptação.

Compreende-se que quando a criança é privada do vínculo afetivo na infância, esta pode sofrer com distúrbios psiconeuróticos e da personalidade ocasionadas pela falta da capacidade de se estabelecer vínculo afetivo na infância.

Desse modo, o adulto pode mantêm-se refém das emoções reprimidas em sua infância enquanto continuam negando o fato de elas terem existido e marcado,

tendo, dessa forma, estabelecido um padrão que prevalecerá em quase todas as relações.

Cumprido destacar que o conhecimento da dinâmica afetiva vivida nas relações no decorrer da história de cada um, são fatores muito importantes para nos libertarmos da prisão interior, encontrarmos nosso verdadeiro *self* e solidificar o projeto existencial.

Verifica ser o homem dotado de uma consciência projetante. O projeto consiste em estar adiante, construir a própria história (vida). O homem é um projeto de si próprio sempre se refazendo e é por conta desse constante movimento de mudança que não pode ser considerado uma totalidade, acabada e determinada, mas sim um processo incompleto de totalização.

Desta perspectiva, todas as manifestações do comportamento humano no mundo seriam expressões do projeto existencial, projeto fundamental de autocriação e construção da direção da vida, sendo o nexos estruturador da existência.

Buscar-se-á analisar como fomos (e somos) desviados da verdadeira natureza humana, através de um processo educativo alienante desde os primeiros momentos de vida, sendo a sensibilidade infantil utilizada consciente ou não pelos educadores, para servir a seus próprios propósitos, verificando de que forma esse desvio influencia direta (ou indiretamente) no projeto existencial.

Deste modo, o objetivo principal desta pesquisa se constrói a partir do desejo de entender como as relações afetivas podem influenciar no projeto de existencial a partir de uma análise fenomenológica existencial.

Esse estudo é pautado na dimensão conceitual de autores como Alice Miller, Lise Bourbeau, Viktor Frankl, José Paulo Giovanetti Winnicott, que irão contribuir de forma relevante para pesquisas da área fenomenológica existencial.

## CAPITULO I – PROJETO EXISTENCIAL

A perspectiva Fenomenológica Existencial concebe o homem de modo compreensivo como abertura, um ser de possibilidades. Busca compreendê-lo como um ser humano que está sempre em movimento, apesar de se estabelecer no horizonte limitado das determinações e condicionamentos do mundo pode, ao mesmo tempo, se colocar em condição de abertura para as possibilidades do existir. Através da fenomenologia, permite-se o estudo dos fenômenos propriamente humanos, com uma abordagem que se volta para o vivido, acolhendo a totalidade do existir no mundo. Por esse motivo, conforme Arendt (2002, p. 153):

O homem é ontologicamente diferente dos demais seres, tendo recebido, na sua humanidade, condições específicas para dar conta da própria vida, sustentá-la e ampliá-la. Ele é um feixe de possibilidades, sempre em aberto, podendo transcender e surpreender a si mesmo, lançado no mundo sem o controle da vida e sem certezas sobre o seu destino. Dessa forma, por mais que busque a estabilidade e a segurança de diversas formas ao longo da história, o homem está sempre diante de questões existenciais que o colocam em movimento. É um ser em constante construção, o que se dá a partir do contato com os outros, na coexistência. Ele é único e irrepitível, ao mesmo tempo em que herda toda uma cultura construída ao longo do tempo por muitos outros, seus semelhantes. Singularidade e pluralidade convivem lado a lado na difícil tarefa de habitar o mundo e transformá-lo.

Consoante resplandece a perspectiva do “humanismo existencial”, de acordo com Castro (2012, p. 117), o indivíduo tem a necessidade de se projetar “para fora de si mesmo para poder encontrar seu próprio significado”, ao perseguir “metas transcendententes”, à proporção que “procura realizar seu projeto de vida” no bojo da “eterna superação de si mesmo”, percurso em que, dentro de sua dimensão histórica, econômica, social, cultural e axiológica e diante do leque de possibilidades que se apresentam no cotidiano, o ser humano sente-se compelido a realizar escolhas, autênticas, “frutos da auto compreensão”, em linha de coerência consigo mesmo, ao assumir que as próprias escolhas são frutos da sua liberdade e responsabilidade) ou pautadas pela má-fé (caso repila “a sua liberdade de escolha e a sua responsabilidade” e, em consequência, negue “a possibilidade de escolher livremente o seu futuro”).



De acordo com Abbagnano (2007), sendo parte da “continuidade compreensível das vivências, coerência interna do mundo individual”, verdadeiro “‘fio condutor’ entre o passado” (experiências pretéritas), o presente (aqui-agora) e futuro (vir-a-ser), o projeto de vida e/ou existencial (arcabouço de planos e movimentos cuja finalidade é atribuir sentido concreto e individual a cada experiência do ser) se concretiza por intermédio das escolhas realizadas ao longo da existência do indivíduo (não se trata, pois, de um processo estático, mas de uma construção durante toda a sua caminhada), que “aparece em todas as suas realizações significativas”, no plano tanto “dos sentimentos” quanto “das realizações pessoais e profissionais”.

Afirma Teixeira (2006, p. 12):

O que caracteriza a existência individual é o ser que se escolhe a si mesmo com autenticidade, construindo assim o seu destino, num processo dinâmico de vir-a-ser. O indivíduo é um ser consciente, capaz de fazer escolhas livres e intencionais, isto é, escolhas das quais resulta o sentido da sua existência. Ele faz-se a si próprio escolhendo-se e é uma combinação de realidades/capacidades e possibilidades/potencialidades, [...] está em projeto. Esta é a maneira como ele escolhe estar no mundo, o que se permite ser através da sua liberdade.

Conforme Teixeira (2006), o ser é dotado de uma consciência projetante. O projeto consiste em estar adiante, construir a própria história (vida). O homem é um projeto de si próprio sempre se refazendo e é por conta desse constante movimento de mudança que não pode ser considerado uma totalidade, acabada e determinada, mas sim um processo incompleto de totalização. Deste ponto de vista, todas as manifestações do comportamento humano no mundo seriam expressões do projeto existencial, projeto fundamental de autocriação e construção da direção da vida, sendo o nexó estruturador da existência.

Do mesmo modo, o ser constitui o seu mundo na medida em que cuida da sua existência, a partir do processo de compreender-se. Se sou de abertura em minha alteridade a questão é como coloco a minha atividade no mundo, sou único e exclusivo. O que é próprio nosso? É que somos ativos, atividade esta que vai me possibilitar a pergunta que me iniciará em algo.

Nesse sentido, observa Magnabosco (2018, p. 25) que:

O núcleo vital que nos habita, ao sermos do cuidado, será assim constituído da angustia e da inquietação, a qual nos leva a uma

pergunta (o que farei de mim nas interpelações da vida?) e destas a um projeto (como me coloco diante do desconhecido, do vazio necessário para qualquer criação?).

Compreendo, então, que a atitude fenomenológica existencial atribui um valor especial ao caso típico. A atitude ou ato fenomenológico excede o plano de observação e tende à visão das propriedades essenciais dos fenômenos que compõem a essência da vida.

Partindo desse pressuposto, observamos que o homem é o resultado das escolhas que faz em sua existência. Se são escolhas feitas, é porque existem opções e as escolhas são frutos de escolhas de valores em sua realidade concreta para se fazer. Todas as ações envolvem opções livres, isto é, instituições de valor a cada escolha realizada.

Assim, a invenção do valor imanente a cada ato de escolha, oriunda da inexistência de valores prévios determinantes da conduta humana, faz com que a liberdade não se dissocie nunca da responsabilidade de afirmação de valores e critérios em cada ato livre.

De acordo com Frankl (1990), o ser humano necessita responder a alguns questionamentos (o que a vida espera de mim? Para que viver?), entender o que a vida pede, justamente pelo fato de ainda estar vivo, se tem vida ainda tem possibilidade de realizar algo (minhas palavras).

Neste sentido, conforme Pereira (2008, p. 160):

[...] a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida, ela somente pode responder sendo responsável.

Desse modo, conforme nos traz Frankl (1993), entende-se que vamos em busca de resposta de um para que viver, de um direcionamento, isso faz parte da nossa dimensão espiritual, o que, para o autor, não significa essencialmente vínculo religioso, podendo ser percebida como a extensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. Deste modo, a dimensão espiritual mostra-se como uma dimensão não determinada, mas determinante da existência, que na sua dimensão espiritual, constitui, especialmente, no “ser-responsável” e no “ser humano consciente de sua

responsabilidade” no concernente a liberdade para uma decisão diante das circunstâncias cotidianas ou excepcionais.

Assim, compreende-se que a dimensão espiritual nos orienta para uma busca de sentido. Apresentamos uma abertura para autotranscendência, algo que nos possibilite ir além de nós mesmos, além da busca pela satisfação dos desejos e necessidades, dos condicionamentos, seja uma missão, valores ou o amor. O sentido está fora de mim, está na concretude da vida.

Deste modo, chegamos, a partir da análise às obras de Frankl, à conclusão que sentido é o que se projeta, seja por uma pessoa que indaga algo, seja por uma situação que encerra uma pergunta e clama por resposta.

Corroborando com este entendimento, Pereira (2008, p. 160) traz ainda que:

[...] Frankl também se ocupa em afastar, inicialmente, a ideia de que a expressão “sentido da vida” faça referência a um sentido total, globalizante e arrebatador. Isto é, analisar o sentido da vida genericamente significa colocar a questão em termos inapropriados, já que o termo “vida” não deve ser tomado com a vagueza que pressupõe e, sim, como a existência concreta e singular de uma pessoa, num determinado contexto histórico e situacional.

Cada um tem um modo específico de ser e ir além de si e entender qual a finalidade de existir. Envolve um posicionamento responsável de responder a vida, de decidir como quer escrever a história.

Frankl (1985, p. 67) acrescenta que:

Posso encontrar sentido na minha ação enquanto criador: quando enriqueço o mundo com minha atividade, na minha doação a uma tarefa criativa. Esses formam os chamados valores de criação. Posso, também, encontrar sentido em minha vida quando me entrego à experiência de algo que recebo no mundo, ou no encontro de amor com outro ser humano: são os valores de vivência. No entanto, ainda que a vida me impossibilite a criação ou o amor, posso encontrar sentido na experiência de um destino imutável, através da escolha de uma atitude afirmativa da vida: têm-se, aí, os valores de atitude: Pois não somente uma vida ativa tem sentido em dando à pessoa a oportunidade de concretizar valores de forma criativa. Não há sentido apenas no gozo da vida, que permite à pessoa realizar valores na experiência do que é belo, na experiência da arte ou da natureza. Também há sentido naquela vida que – como no campo de concentração – dificilmente oferece uma chance de se realizar criativamente ou em termos de experiência, mas que lhe reserva apenas uma possibilidade de configurar o sentido da existência, e que

consiste precisamente na atitude com que a pessoa se coloca face à restrição forçada de fora sobre seu ser.[...] Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá.

Compreende-se, de acordo com Frankl (2003), então, que o valor de atitude somente se realiza quando algo se tem que aceitar precisamente tal qual é. E isso significa que a vida humana pode atingir a sua plenitude, não apenas no criar e gozar, senão também no sofrimento.

Para Frota e Bião (2011), o projeto de vida é a liberdade, que desponta de uma decisão, uma escolha de um projeto específico, avaliando/estimando diante das possibilidades apresentadas, de acordo com os seus valores (o que se mostra valioso para realizar), experiências e vocações pessoais, em um determinado período histórico visando o futuro, dando um sentido à nossa existência e é desta maneira que a vida humana se movimenta. Assim, tentamos de alguma maneira realizá-lo, tecendo o nosso destino.

Forghieri (1993) traz que, embora o projeto de vida seja individual, é influenciado por vários fatores (econômicos, familiares, políticos, sociais, educacionais e psicológicos) que se conjugam e podem configurar expressões de interferências externas no íntimo da psique humana, ressoando na escolha pessoal e, conseqüentemente, a elaboração do projeto de vida, já que o ser humano não vivencia sua existência dissociada da presença de seus semelhantes e da convivência com eles em determinado ambiente e época.

A construção do projeto de vida perpassa pela “tríade: educação, trabalho e família” que funciona como um modelo de vida social, que determina o sentido da vida presente e futura. Verifica-se que esta tríade além de vigorar como consenso para a trajetória de vida funciona também como critério de avaliação da condição de sujeito adulto para si e para o mundo enquanto desempenho de papéis sociais.

A tríade mencionada – a educação, o trabalho e a família – está em concordância com as ideias de Freud (1929) sobre as medidas paliativas que nos orientam em nosso propósito de busca do prazer, de felicidade, sendo importante como ferramenta para organizar e nortear nossos projetos de vida.

É a partir da ideia de biografia e de história de vida, que se constrói, conforme ressalta Erthal (2004) o projeto de vida. Os projetos individuais se configuram assim em torno da noção de tempo com etapas se encadeando,

implicando a elaboração de planos e atitudes orientadas para buscar determinados desdobramentos, numa tentativa de dar sentido ou coerência às experiências vividas

Conforme nos apresenta Frota e Bião (2011, p. 13):

O projeto de vida, na leitura do humanismo existencial, traduz as possibilidades de concretudes dentro do existir humano em sociedade, o que vai permitir ao sujeito a realização de escolhas pertinentes às várias esferas em que atua (tais como a familiar, a profissional, a social, a religiosa e a educacional) durante a sua vida, período em que será instado a executar tal projeto não apenas de maneira autêntica, planejada e realista, como também de modo adaptável à dinâmica pessoal e social, flexível ante as transformações de âmbito individual e coletivo.

Dessa forma, os projetos, são atravessados por elaborações e construções realizadas em função de experiências sócio-culturais, de vivências e de interações do ser com o mundo. Nesse sentido, Teixeira (2006, p. 25) afirma que:

O projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes.

O projeto de vida espelha, em outros termos, as relações do ser com a sua ambiência e seu lugar sociocultural (mundo circundante), as relações que estabelece, seja em casa, junto aos familiares, seja nos espaços sociais (mundo humano), e a relação perante si mesmo (mundo próprio).

Explica Forghieri (1993, p. 218):

O “mundo” circundante consiste no relacionamento da pessoa com o que costumamos denominar de ambiente. Abarca tudo aquilo que se encontra concretamente presente nas situações vividas pela pessoa, em seu contato com o mundo. [...] Dele faz parte, também, o nosso corpo, suas necessidades e atividades, tais como o alimentar-se e o defecar, a vigília e o sono, a atuação e o repouso, o viver e o morrer. [...] O “mundo” humano é aquele que diz respeito ao encontro e convivência da pessoa com os seus semelhantes. [...] O “mundo” próprio consiste na relação que o ser estabelece consigo, ou, em outras palavras, no seu ser-si-mesmo, na consciência de si e no autoconhecimento.

Assim, compartilhando-se o cotidiano, as experiências, os projetos e os objetivos comuns, no respectivo contexto sociocultural, o indivíduo é chamado a construir, na concretude da vida, sua própria história vivencial.

Nesse sentido, traz Roehe (2005, p.89):

O projeto de vida, em síntese, traduz as possibilidades de concretudes dentro do existir humano em sociedade, o que vai permitir ao sujeito a realização de escolhas pertinentes às várias esferas em que atua (tais como a familiar, a profissional, a social, a religiosa e a educacional) durante a sua vida, período em que será instado a executar tal projeto não apenas de maneira autêntica, planejada e realista como também de modo adaptável à dinâmica pessoal e social, flexível ante as transformações de âmbito individual e coletivo.

Portanto, conclui-se que mesmo diante de uma sociedade permeada de individualismo, de valores utilitaristas e de exacerbado hedonismo, é necessário ressaltar que toda projeção de futuro em derredor do projeto de vida traz consigo a presença dos outros e da construção que essa presença pode gerar para o ser em movimento, que se constitui e é constituído na relação com os outros.

## CAPÍTULO II: A DINÂMICA AFETIVA VIVIDA NAS RELAÇÕES HUMANAS

Conforme Aguiar (2014, p. 43), “o ser humano cresce e desenvolve-se ao longo do tempo *na e a partir da relação*: nós existimos a partir da relação, e não há outra forma de constituirmos, a não ser na relação”. Assim, compreende-se que é na interação ininterrupta com o mundo, desde o momento do nascimento até o fim de sua vida, que o ser humano diferencia-se, transforma-se e desenvolve-se como uma pessoa com características próprias.

Sendo o humano um ser relacional, este se encontra em relação por toda a sua vida. O ser humano se constitui cresce na relação com o outro. Nesse sentido, observa-se, de acordo com Giovanetti (2017, p. 96) que:

A dimensão psicológica faz parte da interação, visto que é um espaço inter-humano que abarca o psicológico. Assim, podemos dizer que é esse espaço que possibilita a experiência de estar- no -mundo -com-os -outros.

Como se estrutura o psicológico no ser humano? Qual é a natureza do psicológico? Evidente que ele não nasce pronto. Seus eixos estruturantes se articulam na medida em que o homem desenvolve suas relações com a realidade. O ponto de partida, portanto, são as relações com o mundo, com os outros homens e a vivência do aspecto de transcendência, seja ela religiosa ou não.

O psíquico é o início da interioridade. É onde começa a vida interior. Lima Vaz (2004, p. 169) completa:

O psíquico é a captação do mundo exterior e é a tradução ou reconstrução desse mundo exterior no mundo interior que se edifica sobre dois grandes eixos: o imaginário e o afetivo, ou o eixo da representação e o eixo da pulsão.

Portanto, toda a realidade vivenciada consiste no contato do ser humano com a realidade externa. Inibir os sofrimentos da infância determina não só a vida do indivíduo, como também os tabus da sociedade.

E é a partir da nossa compreensão de mundo, da nossa conexão com a realidade vivenciada e do impacto subjetivo do que essa realidade nos provoca, que o psiquismo se articula. Como exemplo, Giovanetti (2017, p. 45) nos traz que:

[...] podemos colocar duas pessoas diante de uma cachoeira: a primeira olha, percebe a beleza, e se encanta. A outra olha, percebe e se encanta e continua embebida pelo impacto da beleza da queda d'água. Embora o fato externo seja o mesmo, a ressonância em cada uma das pessoas é diferente em intensidade e duração. Dizemos, portanto, que o psicológico é a subjetivação do real, isto é, como cada um sente a realidade.

De acordo com Romero e Galeno (2010), a afetividade potencia o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e objetos. Graças à afetividade, as pessoas conseguem criar laços de amizade entre elas e até mesmo com animais irracionais, isto porque os animais também são capazes de demonstrar afetividade uns com os outros e com os seres humanos.

Daí a importância do estudo dos afetos para compreender que “os afetos revelam o significado subjetivo que outorgamos aos objetos e pessoas de nossa relação” (prazer, desprazer, emoção, sentimento e estado de ânimo).

Como bem pontua Giovanetti (2017, p. 48):

Afetividade que é responsável pelo colorido de nossa vida psíquica e conseqüentemente pela tonalidade da nossa existência. A vida sem os afetos seria igual para todos. Sem a sensibilidade afetiva o mundo perderia todo seu colorido e o senso dramático que caracteriza nossas ações e projetos.

Desse modo, conforme Romero e Galeno (2010), a afetividade é concebida como o conhecimento construído através da vivência, não se restringindo apenas ao contato físico, mas a interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos afetam, por conseguinte as relações e o processo de aprendizagem.

A vida afetiva se constitui pelas vivências e integração dos afetos. Como seres humanos, nos estruturamos a partir de nossas tendências, das vivências de nossas emoções e sentimentos. A questão inicial é que algumas emoções e sentimentos são negativos, isto é, se cultivados nos levam a uma autodestruição. Outros são positivos e se cultivados nos levam a um processo de crescimento.

Para Giovanetti (2017), embora as reverberações negativas muitas vezes auxiliem a não sermos usados como objetos pelo outro, é imprescindível que



cultivemos mais as emoções positivas, sendo a maneira que lidamos com todas essas vivências que forma-se a vida afetiva, sendo esta enriquecida a partir da grande variedade de afetos com as mais distintas pessoas.

Dessa forma, a afetividade pode ser compreendida como uma dinâmica humana que se torna complexa e profunda ao qual é presenciada desde a descoberta da gestação e o nascimento até ao longo da vida adulta, tendo como característica fundamental a possibilidade de estruturar os vínculos afetivos em uma relação, isto é, é através da afetividade que nos ligamos positivamente ou negativamente aos acontecimentos, são os afetos que estabelecem a qualidade dos vínculos interpessoais, eles são os criadores de significados entre as pessoas. Nesse sentido, a qualidade de uma relação humana é fundamental para que o ser humano possa se estruturar.

Nas palavras de Giovanetti<sup>1</sup> “a estrutura do ser humano pode ser compreendida a partir das dimensões (corpo próprio, psiquismo e espírito) e das dimensões relacionais (relação com o mundo, relação com os outros homens e relação com o absoluto)”. Nesse sentido, explica que a harmonização dos três níveis e a qualidade das relações é fundamental para que a pessoa consiga integrar os afetos e construir a direção da vida.

Giovanetti (2017), ao analisar subjetivamente uma relação humana, traz que consiste em uma experiência intersubjetiva que possibilita a troca de conteúdos humanos.

Buscando descrever as condições necessárias para configuração de uma relação humana, possibilitando o desvelamento de significados colocados por ambas as partes, Giovanetti (2017) descreve que estas podem ser definidas como: conhecer o outro como pessoa, reconhecer que o outro tem a capacidade de dar um direcionamento a vida, de encontrar um sentido. Aceitação do outro como ele se apresenta, abertura para aceitar e respeitar o diferente, ou seja, o outro em sua singularidade é uma novidade, apresenta um modo de ser dentro de um contexto que faz parte de uma construção pessoal em um determinado momento. A presença da

---

<sup>1</sup>Congresso Internacional de Psicologia Existencial. V Congresso Brasileiro de Psicologia Existencial. Existencialismo e Psicologia. GIOVANETTI, José Paulo. **Afetividade e Existência**. Belo Horizonte, 2015.

mobilização dos afetos envolve compreender como os cada um está sentindo o outro na relação, e os significados desse movimento.

Giovanetti (2017) ainda apresenta outros elementos para compreensão de uma relação, que são: o encontro acontece com base na disponibilidade e respeito, é o se abrir para a experiência do outro, o diálogo é o tipo de comunicação, a reciprocidade, o vínculo e a experiência da confiança.

Giovanetti (2017) apresenta ainda que o diálogo nem sempre fundamenta uma relação humana, contudo, deixa explícito o tipo de comunicação vinculada entre as pessoas que estabelecem o encontro, mostrando-se acessível para o que o outro tem a contribuir com a situação apresentada. Contudo, para que ocorra, é necessário que um dos sujeitos esteja aberto e atento ao que o outro possa apresentar para essa relação.

Para o autor, a reciprocidade se expressa através do envolvimento com a vida e intimidade do outro. Já a qualidade do vínculo é responsável pela qualidade da relação, na medida em que ele fortalece a ligação entre os dois polos.

O vínculo afetivo serve para sedimentar a relação. É ele que dará a qualidade dessa relação, uma vez que a afetividade é responsável pela intensidade e pela qualidade do relacionamento.

Já a experiência da confiança, conforme Giovanetti (2017, p. 95):

[...] acontece no início da vida da criança é a base para todas as outras relações, uma vez que, justamente quando o bebê vivencia a confiança, ele está tendo o ponto de apoio para o desenvolvimento de sua vida emocional. Isso é tão significativo para o bebê que, quando ele passa por essa experiência, ele se sente relaxado diante da mãe. A experiência de que podemos confiar em alguém, de que esse alguém quer o nosso bem e faz tudo para que isso aconteça, colocamos num estado de desconcentração e de despreocupação com a vida. Essa é a vivência de um bebê diante de sua mãe extremamente dedicada.

Para um processo de crescimento psicológico, temos que ter um ponto de partida seguro, a experiência de confiança é um importante elemento na criação do vínculo e da confiança. Cumpre destacar que uma relação sólida é uma relação afetiva bem construída e, é prerrogativa essencial na solidez do projeto existencial, conforme será demonstrado na seção a seguir.

### **CAPÍTULO III: A QUALIDADE DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA SOLIDEZ DO PROJETO EXISTENCIAL**

O processo de desenvolvimento da pessoa e de suas relações começa desde seus primeiros dias de concepção, que permeiam do nascimento até a fase adulta.

Conforme Dias (2003, p. 133), na relação mãe-bebê, a mãe se caracteriza como o ambiente facilitador, pois é por meio da adaptação das necessidades do bebê que ela aparece como a facilitadora do processo de amadurecimento que pertence a ele. “Ela é suficientemente boa porque atende, ao bebê, na medida exata das necessidades deste, e não de suas próprias necessidades.

Observa-se que a perspectiva de Winnicott (1990), ao falar do relacionamento dessa díade, é a que se “trata de “adaptação à necessidade” e não de satisfação de desejos”. É toda uma perspectiva de ajudar o outro a encontrar seu rumo, e não a perspectiva de que o outro é objeto de satisfação do nosso desejo. Diríamos que a mãe coloca a serviço do desenvolvimento do bebê sua personalidade e sua existência.

Ao pensar sob o ponto de vista de Winnicott, Miller (1997) compreende que toda criança tem a legítima necessidade de ser notada, compreendida, levada a sério e respeitada pela mãe. Desde as primeiras semanas de vida carece ter a mãe à disposição, usá-la e espelhar-se nela. Contudo, é necessário que a mãe realmente esteja olhando para esse ser pequenino, único, indefeso, e não projetando suas expectativas, medos, e planos que fez para o filho.

Para Góes (2000), no começo da vida a pessoa começa a estabelecer as primeiras percepções do seu próprio corpo. A partir dessa percepção, constrói-se o “mim” e se desdobra a formação da pessoa. Surgindo uma inter-relação da personalidade corporal e social o que vai contribuir com as relações de grupo. Estas relações são vivenciadas primeiramente com o contato inicial da mãe, ao qual esta, teoricamente, é a base fundamental para construção afetiva da criança.

Sendo assim, Góes (2000) coloca que a relação individual é necessária para que o bebê estabeleça uma relação com o outro e que isto dependerá dos estados de tensões e equilíbrio ao qual ele vivencia, obtendo a própria percepção do seu corpo. Os estados ao qual o autor refere, se dão através das emoções da mãe, pois esta é a precursora dos sentimentos vivenciados pelo bebê.

A criança desenvolve a necessidade de estabelecer um vínculo com a mãe ou um cuidador ao longo do processo de amadurecimento. Em seus primeiros anos de vida, necessita ser acolhido por um ambiente de amor e afeto, onde essa figura trará condições para o desenvolvimento global dessa criança. A proximidade de ambos funciona como uma busca pela segurança e apoio, pois toda criança vem ao mundo em condições de absoluta dependência dos cuidados e da proteção dessa mãe.

Bowlby e Spitz (2002) tornaram-se referências em estudos com crianças privadas do vínculo materno e, estes se preocupavam com a mudança psicológica que a criança sofreria com a privação materna e que conseqüentemente afetaria em seu desenvolvimento emocional e cognitivo devido às perturbações decorrentes da separação mãe-criança. Winnicott (1990), baseava-se no papel da mãe como parte fundamental da construção mental da criança.

E uma importante justificativa é a Teoria do Apego, que inicia-se em um momento em que a história da humanidade é marcada pelo grande sofrimento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde era notório os efeitos no psiquismo infantil causados pela perda e separação precoce de sua família de origem. Em meio as observações de Bowlby (1989), acerca do profundo sofrimento e prejuízos ao desenvolvimento global causados a crianças pequenas quando elas eram separadas de seus pais e colocadas aos cuidados de pessoas não familiares, em ambientes desconhecidos. O psiquiatra inglês estruturou uma base conceitual sólida sobre a formação, manutenção e modificação dos vínculos afetivos denominada Teoria do Apego.

Bowlby (1989), refere-se à teoria do apego como uma estratégia de adaptação fundamental do homem ao ambiente, onde a criança necessita dos cuidados de um adulto para sua proteção e sobrevivência. O autor garante que o vínculo do apego é manifestado, principalmente, pela busca de proximidade em relação ao cuidador e pelo protesto diante da separação.

Ainsworth (1989) favoreceu o avanço da Teoria do Apego, quando em meio as suas observações com crianças em um laboratório, denominado “Situação Estranha”, pode perceber as estratégias utilizadas pelas crianças para receber a atenção e a proteção de seu cuidador principal. Definiu quatro categorias de apego:

- Apego seguro: demonstrado por bebês que geralmente choram e protestam quando a mãe sai de cena e é facilmente consolada quando ela retorna.

São crianças que na presença do cuidador principal sentem-se seguras para explorar o ambiente e na ausência do mesmo, regressam em sua procura para sentirem protegidos. Preferem claramente a mãe a estranhos.

- Apego inseguro (evitante): demonstrado por bebês que quase nunca choram quando a mãe deixa o local onde estava e evitam as mesmas quando elas retornam. Tendem a se mostrar indiferentes e não procuram pela mesma se precisarem de ajuda. Não mostram preferência a elas sobre um estranho.

- Apego inseguro (ambivalente): demonstrado por bebês ansiosos, mesmo antes de a mãe sair do ambiente, mostrando raiva nos momentos em que ela se ausenta. Quando a mãe retorna, esses bebês expressam sua ambivalência ao buscar contato com ela, mas, ao mesmo tempo, demonstram resistência e raiva quando a mãe se aproxima, demorando muito para acalmarem-se e cessar o choro. Resistem tanto ao conforto da mãe quanto a contato com estranhos.

- Apego inseguro (desorientado): Demonstrado por bebês com comportamentos confusos ou apreensivos. Podem apresentar padrões de comportamentos simultâneos contraditórios tais como movimentar-se na direção da mãe enquanto desvia o olhar dela.

Segundo Bee e Boyd (2011), um apego se caracteriza como uma subvariedade de vínculo afetivo no qual o relacionamento está ligado ao senso de segurança. A situação de estar apegado a alguém traz uma sensação de segurança e conforto quando o outro está perto, facilitando a exploração ao redor.

A criança e o adolescente são seres em formação, acompanhados pela imaturidade física, emocional, psicológica e social, necessitam de tempo, relacionamento, interação, proteção e afeto. Para isso, elas precisam estar inseridas sem um ambiente acolhedor estabelecendo uma relação estável e afetiva com as pessoas ao seu redor. Experiências vivenciadas nesse período de construção da identidade, poderão acarretar em vários impactos no seu processo de desenvolvimento.

Os vínculos criados pelas crianças e adolescentes são breves e superficiais, contrapondo a real necessidade que as crianças e os adolescentes têm de estabelecer vínculos mais duradouros que permitam a elaboração de suas histórias. Necessário se faz, a construção de espaços para que eles possam expor

suas dores, sofrimentos, incertezas. Se as relações afetivas forem positivas e recíprocas desde o início, é possível que obtenha-se um bom processo de desenvolvimento.

Notando que os vínculos afetivos e os apegos são estados internos, Bowlby e Ainsworth (1989), através de seus trabalhos empíricos, observaram comportamentos de apego. O comportamento do apego é definido, então, como qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo considerado mais apto para lidar com o mundo.

Segundo os autores, esses comportamentos são ativados por certas condições consideradas ameaçadoras ou estranhas pela criança e, conseqüentemente, terminam quando a criança tem a visão da figura de apego, a escuta de sua voz ou a interação com ela. Os autores apresentam ações como sorrir, chorar e fazer contato visual, como atitudes que compõem o conjunto comportamental básico de apego.

Para Ainsworth (1982), na medida em que essa relação de apego se constrói com o cuidador, a possibilidade de separação torna-se uma angústia para essa criança, pois essa mãe ao ser sensível a comunicação com essa criança oferece a ela uma segurança emocional e condições mais seguras de explorar o mundo, contrário as mães emocionalmente distantes, que ignoram sinais de comunicação, apresentando impaciência e irritação com elas.

Bowlby (1989) traz na sua teoria a ideia de que crianças precisam de uma mãe amorosa, que o autor define como uma mãe que estabeleça uma relação de cuidados e afetos com o seu bebê, fornecendo os cuidados essenciais que garantam a sua sobrevivência, contribuindo para a transformação em adultos emocionalmente saudáveis. Por isso, experiências de perda e separação na primeira infância podem prejudicar o processo de desenvolvimento da criança. O autor aponta a importância da pessoa estar inserida em um lar saudável, onde encontre conforto e proteção ao lado de pais afetivos, onde poderão futuramente desenvolver estruturas psíquicas seguras e saudáveis para o relacionamento com os outros.

Bee e Boyd (2011) apontam dezenas de estudos que mostram que crianças classificadas como seguramente apegadas, quando comparadas com crianças inseguramente apegadas a suas mães na fase de bebê, são mais sociáveis no futuro, mais positivas em seu comportamento com amigos e irmãos, menos

dependentes dos professores, mais amadurecidos emocionalmente em diversos ambientes. Na adolescência, aqueles que foram classificados como seguramente apegados na infância têm mais amigos íntimos.

Adultos que eram seguramente apegados quando bebês percebem diferenças na relação com a sua mãe comparado aos adultos que eram inseguramente apegados. A segurança do apego na infância pode até influenciar nos relacionamentos amorosos na idade adulta; tais adultos mostram-se mais sensível às necessidades de seus companheiros.

Nesse sentido, Miller (1997) nos traz, a partir da análise de casos de pacientes e cartas recebidas, que ainda que não tenhamos consciência da tragicidade de nossas infâncias, mesmo nos lares aparentemente “normais”, onde a manipulação e o controle por meios violentos ou sutis das emoções infantis são a tônica, isso irá nos acompanhar, mesmo inconscientemente, por toda a nossa vida, mantendo-nos como reféns dessas emoções reprimidas em nossas infâncias enquanto continuamos negando o fato de elas terem existido e nos marcado, tendo, desse modo, instituído um padrão que prevalecerá em quase todas as relações.

Quando uma criança recebe atenção, afeto e cuidados, torna-se emocionalmente mais capaz para enfrentar as dificuldades, tornando-se mais maduro emocionalmente.

Contudo, Bretherton (2000, p. 199) aponta que:

[...] uma criança com relações inseguras tende a avaliar o mundo como um local perigoso, mediante a representação de si como incapaz para enfrentar as dificuldades, e dos outros como pouco competentes para satisfazer as suas necessidades.

No mesmo sentido, Miller (1997) discorre que se uma criança tem a sorte de possuir relações afetivas seguras, a possibilidade de se espelhar e utilizá-las em função do seu desenvolvimento, esta poderá, então, desenvolver um sentimento saudável de si mesma, tornando-se mais segura.

Para a autora, a naturalidade do contato com os próprios sentimentos e desejos dá à pessoa equilíbrio e auto-estima, possibilitando que ela vivencie e expresse seus sentimentos, fique triste, desesperada ou necessitada de auxílio, sem ter medo de tornar alguém inseguro com isso. Isso possibilita que ela consiga se expressar, independentemente de ser amada ou odiada por isso.

E, conforme Zimmermann (2004) e Feeney, Cassidy, & Ramos-Marcuse (2008), são os anos iniciais da vida do ser humano em que se estabelecem os vínculos mais significativos na vulnerabilidade frente aos infortúnios internos e externos ao longo do desenvolvimento humano.

Miller (1997) analisa que, ainda que vivêssemos na miséria, se tivéssemos uma mãe capaz de dar amor, proteção e segurança durante o primeiro ano de vida, indiscutivelmente, o período mais decisivo da vida humana, estaríamos melhor equipados para trabalhar os maus-tratos futuros do que alguém cuja integridade estivesse abalada a partir do primeiro dia.

Neste sentido, conforme Mota e Martins (2018, p. 2):

[...] indivíduos que mantêm relações saudáveis e positivas com as figuras parentais ou outras figuras primordiais de afeto tendem a ser menos vulneráveis face a situações de risco, quando comparados com aqueles que apresentam dificuldades nas suas relações, nomeadamente falta de afeto, insegurança e rejeição.

Contudo, Shaver & Hazan (1988) trazem que ao entrarmos na fase adulta, as relações estáveis e duradouras podem tornar-se vínculos e proporcionar sentimentos de segurança, na medida em que promove a exploração do mundo e gera um sentimento de competência pessoal, pautando-se em características como a duração ao longo do tempo, intensidade e estabilidade.

Conforme Miller (1997), as experiências, vivências e afetos de uma criança podem se conservar no inconsciente e, possibilidades de expressão podem despertar quando o adulto está livre para admiti-las. O mesmo ocorre com as experiências traumáticas da infância, que permanecem no escuro. No escuro também ficam escondidas as “chaves” para a compreensão da vida posterior.

Ainda de acordo com a autora, por meio de sua experiência clínica, apresenta como a pessoa não se realiza, não vive seu *self* verdadeiro ao satisfazer as necessidades dos pais no decorrer da infância à custa da própria autorealização a fim de não perder o pouco que tinha. Por medo de arriscar o amor do cuidador, a pessoa reprime os sentimentos, mostrando o que é esperado dela.

Nesse sentido, esta autora explica também que o verdadeiro *self* não consegue se desenvolver e se diferenciar porque não pode ser vivido, o que provoca sentimentos de vazio, falta de sentido, desenraizamento, esvaziamento, um empobrecimento, uma morte parcial das possibilidades.



Diante disso, expõe que a integridade da criança foi abalada, arrancado-lhe a vivacidade, a espontaneidade. Essas pessoas, no futuro, viverão no seu passado sem o saber

Para Miller (1997), quanto mais somos capazes de admitir e experienciar o confronto com nossa própria realidade, ajudando a desfazer as ilusões que impedem a visão do passado e enxergar com maior clareza, mais fortes e coerentes nos sentimos.

Contudo, há uma grande diferença entre ter sentimentos ambivalentes em relação a alguém, como adulto, e depois de trabalhar muito com a própria história, repentinamente sentir-se como uma criança. O confronto com a própria realidade, ajuda a desfazer as ilusões que impedem a visão do passado e enxergar com maior clareza. Isso nos liberta, resolve os sentimentos de culpa da infância, inconscientes e equivocados.

Desse modo, conforme acima analisado, verifica-se que os vínculos e registros do passado ou da infância nem sempre são positivos. Contudo, para Miller (1997, p. 15),

Não podemos mudar nada em nosso passado, não podemos desfazer os males que nos foram imputados na infância. Mas podemos *nos* mudar, 'consertar', reconquistar a integridade perdida. [...] Certamente, é um caminho desconfortável, mas é o único que nos oferece a possibilidade de, finalmente, deixar a invisível (e ao mesmo tempo cruel) prisão da infância, nos tornando de vítimas inconscientes do passado em pessoas responsáveis, que são cientes de sua história e, com isso, capazes de conviver com ela.

Parafraseando Sartre (2000), não importa o que fizeram de mim, o que importa é o que eu faço com o que fizeram de mim.

No mesmo sentido, Giovanetti (2017) afirma que ao dar atenção à interioridade, especialmente nas ressonâncias afetivas, o sujeito pode encontrar o seu caminhar existencial.

É através da compreensão dos afetos, que nos auxiliam na convivência com o outro, que o projeto de vida é estruturado, sendo a educação afetiva o primeiro passo para se atingir o amadurecimento afetivo e o cultivo do desapego e da compaixão uma direção para se viver uma afetividade mais plena e harmoniosa.

Assim, verifica-se, conforme Giovanetti (2017), que é preciso cuidar e compreender integralmente as vivências afetivas para que tenhamos um

amadurecimento de personalidade. Todas as experiências traumáticas da infância permanecem no escuro. Nesse escuro ficam também escondidas as chaves para a compreensão da vida posterior.

De acordo com Giovanetti (2017, p. 124):

[...] a vida humana tem uma significação tão profunda que, quando impedimos sua manifestação, aparecem vários tipos de incômodos. O homem, diferentemente do animal, tem necessidades de dar um sentido a sua vida. Essa capacidade é que nos faz diferentes dos outros seres. Ninguém vive sem sentido. Acontece que, se não um sentido a nossa vida, os outros, a sociedade ou alguém instituirá para nós esse sentido. Assim, o sentido da vida passa a ser o problema central do homem moderno, pois essa efemeridade da vida impede que olhemos, com clareza, o sentido mais profundo da nossa existência.

Para Miller (1997), a repressão dos sofrimentos da infância determina não só a vida do indivíduo como também os tabus da sociedade. Como se na infância não estivessem escondidas as raízes da vida toda. É um indício de quão fortemente as experiências de uma criança podem se conservar no inconsciente, e que possibilidades de expressões podem despertar quando o adulto está livre admiti-las. Ao sair da construção auto-enganosa, na qual fomos forjados a permanecer, é possível notarmos a nossa própria realidade e desfazemos as ilusões do passado.

Diante do exposto, foi possível perceber que o ser humano tem a necessidade de se projetar “para fora de si mesmo para poder encontrar seu próprio significado em linha de coerência consigo mesmo, assumir que as próprias escolhas são frutos da sua liberdade e responsabilidade. É o ser que escolhe a si-mesmo com autenticidade, construindo assim o seu destino, num processo dinâmico de vir-a-ser de acordo com os seus valores (o que se mostra valioso para realizar), experiências e vocações pessoais, em um determinado período histórico visando o futuro, dando um sentido à existência.

Para isso se faz necessário sair da construção auto-enganosa, desfazer das ilusões do passado, resolver os sentimentos de culpa da infância, libertar dos antigos sentimentos infantis, experimentar e admitir as emoções, reforçando assim, a segurança.

Caso contrário, o verdadeiro *self* não consegue se desenvolver e se diferenciar porque não pode ser vivido, o que provoca sentimento de vazio, falta de

sentido, desenraizamento, esvaziamento, um empobrecimento, uma morte parcial das possibilidades.

Deste modo, por fim, cumpre destacar que o conhecimento do nosso interior e a atenção aos registros afetivos da nossa história são fatores muito importantes para nos libertarmos da prisão interior, encontrarmos nosso verdadeiro *self* e solidificar o projeto existencial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Necessário se fez ressaltar a importância dos vínculos na constituição psíquica do ser humano, destacando o investimento afetivo nas primeiras relações como sendo fundamental no desenvolvimento das futuras relações com o outro e no direcionamento da vida. Deste modo, foi possível discorrer e compreender que o bebê, desde sua concepção e formação necessita do afeto para desenvolver-se por completo. Todos os seus sentidos, percepções, habilidades e a própria personalidade, depende basicamente do grau de afetividade que este recebeu dos pais, especificamente da mãe.

A importância do afeto na relação mãe-filho é essencial durante a infância, pois é a partir desta relação que nasce e desenvolve-se a consciência do bebê. A afetividade da criança é o resultado do comportamento social que esta estabeleceu, por esse motivo, a mãe torna-se seu primeiro e mais importante contato, sendo responsável pela percepção de segurança que oferece ao seu filho. O afeto que a mãe proporciona ao seu bebê provoca experiências que irão atingir todas as áreas de desenvolvimento da criança, daí partem os efeitos traumáticos ou não na construção da sua personalidade.

As experiências relacionais que a pessoa possui a cada fase são relevantes para o seu crescimento individual e psíquico e formação do seu projeto existencial na fase adulta. O começo da vida do ser humano se dá através do estabelecimento com o próprio corpo e esta percepção de si vai construir mais tarde o relacionamento com o outro. Contudo, a formação social da criança ocorre a partir do momento em que ela começa a interagir com o meio e seu próprio corpo, para desta forma estabelecer seu vínculo com o outro.

O modo como o ser se constitui como pessoa e a forma como ela irá se relacionar com o mundo exterior são influenciados pela qualidade dos vínculos estabelecidos no decorrer da vida. Os registros afetivos ficam “registrados” tanto de maneira positiva quanto negativa. Assim sendo, a qualidade, a segurança e a estabilidade desses laços relacionam-se com a maneira como irá concretizar o seu projeto de vida. Vale ressaltar que os estudos acerca desta temática são ainda escassos e antigos. Por se tratar de um tema bastante complexo e reflexivo, este carece de mais atenção, por considerar que o desenvolvimento afetivo é o precursor para a vida e projeto existencial do ser humano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbagnano, N. Introdução ao existencialismo. São Paulo: Martins, 2006.

Aguiar, Luciana. Gestalt-Terapia com Crianças: Teoria e Prática. São Paulo: Summus, 2014.

Ainsworth, M. D. S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.

Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). New York: Routledge.

Angerami-Camon, Valdemar Augusto. Psicoterapia existencial. 4.ed. Thomson Learning Brasil: 2007.

Bowlby, John. Apego: A natureza do vínculo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Bowlby, John. Formação e rompimento dos laços afetivos. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Bretherton, I. The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775, 2000.

Castro, F. G. Estudos de Psicanálise Existencial. Curitiba: Ed. CRV, 2012.

Castro, F. G. Fracasso do projeto de ser: Bournout, existência e paradoxos do trabalho. Rio de Janeiro: Garamond, 2012

Dias, E. O. A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Erthal, Tereza Cristina Saldanha. Psicoterapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia. Campinas: Livro Pleno, 2004.

Forghieri, Y. C. Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas. São Paulo: Cengage Learning, 1993.

Frankl, V. E. Em Busca de Sentido. Tradução de Walter Schlupp e Carlos Aveline. (1ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

Frankl, V. E. Psicoterapia para Todos, (1ª ed.). Tradução de Antonio Allgayer. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

Frankl, V. E. A Presença Ignorada de Deus. Tradução de Walter Schlupp e Helga Reinhold. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

Freud, S. The ego and the id. In J. Strachey (Ed. and Trans.), The standard edition of the complete works of Sigmund Freud (Vol. 20, pp. 1-59). London: Hogarth Press, 1929.

Frota, Hidemberg Alves da; Biao, Luis Tomas. O fundamento filosófico do dano existencial. Revista Jus Navigandi, Teresina, a. 15, n. 2653, 6 out. 2011.

Giovanetti, José Paulo. A antropologia filosófica de Edith Stein como fundamentação da prática clínica. 2015 (no prelo).

Giovanetti, José Paulo. Afetividade e Existência. Congresso Internacional de Psicologia Existencial. V Congresso Brasileiro de Psicologia Existencial. Existencialismo e Psicologia. Belo Horizonte, 2015.

Giovanetti J. P. (org.) Fenomenologia e Psicoterapia - Belo Horizonte: FEAD, 2014.

Giovanetti, José Paulo. Psicoterapia fenomenológico-existencial: Fundamentos filosófico-antropológicos. Via Verita, 2017.

Góes, Maria Cecília Rafael de. A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho, 2000.

Lima Vaz, H. C. Antropologia filosófica. Vol. I, São Paulo, Editora Loyola, 2004.

Miller, Alice. O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

Pereira, Ivo Studart. Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 2, pp. 159-165, abr./jun. 2008.

Roehe, M. V. (2005). Revendo ideias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. Psico Porto Alegre, 36(3), 311-314.

Sartre, J. P. O Existencialismo é um Humanismo. Apud. Os Pensadores. Vol. XLV, Abril Cultural, 2000.

Shaver, P R, & Kazan, C. A biased overview of the study of love. Journal of Social and Personal Relationships, 5,473-501, 1988.

Teixeira, J. A. C. Introdução à psicoterapia existencial. Análise Psicológica, Lisboa, v. 24, nº 3, p. 289-309, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2019

Winnicott, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artmed, 1990.